

A Influência da Família no Processo de Alfabetização¹

Janete Dillmann de Paula²

RESUMO: As dificuldades de aprendizagem, muitas vezes, estão relacionadas a algum transtorno desta ordem, que pode ser definido como um impedimento psicológico ou neurológico para desempenhar a linguagem oral, escrita ou até mesmo para condutas em geral. A família assume um papel indispensável em relação à formação do caráter da criança, pois é através dela que se dá sua inserção na sociedade, bem como é responsável por modelar e programar o comportamento e a identidade do indivíduo. Neste trabalho, objetivamos investigar a influência da família no processo de alfabetização. Para tanto, o trabalho desenvolveu-se por meio de pesquisa qualitativa a partir da investigação de casos e estudo bibliográfico. A partir das entrevistas e observações realizadas com os alunos e suas famílias, utiliza-se o método descritivo e de pesquisas bibliográficas para buscar respostas aos questionamentos lançados anteriormente. Concluímos, através de pesquisas com as famílias, que muitas delas estão de certa forma acomodadas, vêm transferindo a função de educar exclusivamente para a escola, ausentando-se inclusive do seu papel na educação formal dos filhos.

Palavras-chaves: Família. Educação. Alfabetização.

ABSTRACT: Learning difficulties often are related to some learning disorder that can be defined as a psychological or neurological impairment to perform oral language, writing or even to conduct in general. The family plays an indispensable role in the training of child's character, for it is through her that the child is inserted in society and at the same time, the family is responsible for programming and modeling the behavior and the child's identity. This paper investigates the influence of family literacy in the process. Thus, the work was developed through qualitative research from the investigation of cases and bibliographical study. From the interviews and observations with students and their families, I use descriptive method and literature searches to find answers to questions previously released. It was found through surveys that many families are accommodated in some way, have transferred the function of education exclusively for the school, gone away, even if his role in the formal education of children.

Keywords: family. Education. literacy.

¹ Artigo orientado pela professora Zara Regina Goveia de Souza, apresentado para conclusão do Curso de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (Instituto Federal Sul-rio-grandense - *Campus* Charqueadas).

² Especialista em Educação e Contemporaneidade (IFSUL – *Campus* Charqueadas)

1 INTRODUÇÃO

O tema “dificuldade de aprendizagem”, abordado por inúmeros teóricos, é algo que se discute ao longo dos tempos, mas que também não se esgota e desta forma continua presente em nosso cotidiano.

A escolha do tema em questão, especificamente, deu-se pelo fato da relação estreita dos pesquisadores no campo investigado, possibilitando maior rapidez na busca das respostas para as dificuldades de aprendizagem no período de alfabetização. Sendo assim, consideramos os dados coletados como amostragem para análise do problema de pesquisa.

De início nos pareceu que os dados para análise poderiam ser insuficientes. Todavia, repensando a nossa caminhada enquanto alfabetizadores da rede pública municipal, percebemos que a maioria dos problemas de aprendizagem repete-se ano após ano nas distintas séries do Ensino Fundamental, considerado um período de alfabetização. Sendo assim, os problemas que enfrentamos com nossos alunos são basicamente os mesmos que outras educadoras enfrentam em suas salas de aula.

De posse dessas informações e à luz de alguns teóricos que abordam o tema em estudo e com a consciência da grande responsabilidade que é a tarefa de educar, trataremos de realizar uma reflexão à cerca das questões externas que interferem no processo de alfabetização das crianças. Dentre os fatores externos podemos relacionar tanto a família quanto a escola, porém neste trabalho nos deteremos especificamente na primeira.

Apesar de nossa formação acadêmica e experiência profissional, ainda não descobrimos as soluções para sanar as diferentes dificuldades de aprendizagem de nossas crianças. Desta forma temos algumas interrogações sobre a postura da família em relação à escola: o que pensam e como agem diante das dificuldades de aprendizagem dos filhos e como descobrir a importância da sua presença no processo de aprendizagem das crianças.

O trabalho desenvolveu-se por meio de pesquisa qualitativa, a partir da investigação de casos, e estudo bibliográfico, considerando que nesta abordagem fez-se necessário confrontar dados, evidências e informações coletadas sobre o assunto, baseando-se nos conhecimentos teóricos acumulados sobre ele. A partir das entrevistas e observações realizadas com os alunos e suas famílias, utilizamos o método descritivo e pesquisas bibliográficas para buscar respostas aos questionamentos lançados anteriormente. Na intenção de preservar a identidade das mães entrevistadas, passamos a chamá-las de mãe R e mãe A.

São os conhecimentos produzidos a respeito da realidade que criarão condições para melhor compreendermos as dificuldades de aprendizagem no período de alfabetização, buscando captar a complexidade do objeto em estudo.

Salientamos que a coleta de dados acompanhada pelas visitas nas residências foi, sem dúvida, importante para a realização deste trabalho, pois desta forma também foi possível visualizar a realidade em que vive cada aluno, relacionando-a possivelmente aos fatores que levam às dificuldades de aprendizagem.

2 O QUE SÃO DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM?

As dificuldades de aprendizagem, muitas vezes, estão relacionadas a algum transtorno de aprendizagem que pode ser definido como um impedimento psicológico ou neurológico para desempenhar a linguagem oral, escrita ou até mesmo para as condutas em geral.

O termo transtorno de aprendizagem descreve um transtorno neurobiológico pelo qual o cérebro humano funciona ou é estruturado de maneira diferente. Estas diferenças interferem na capacidade de pensar ou recordar. Os transtornos de aprendizagem podem afetar a habilidade da pessoa para falar, escutar, ler, escrever, soletrar, raciocinar, recordar, organizar a informação ou aprender matemática. (GÓMEZ e TERÁN, 2009, p. 93).

Os transtornos neurobiológicos referem-se a uma mudança anormal de atitude provocada por mal funcionamento das estruturas mentais da criança. Desta forma, as dificuldades de aprendizagem levam a pessoa à frustração e ao sofrimento por não conseguir desempenhar aquilo que espera de si e que os outros esperam dela. Como consequência das dificuldades de aprendizagem, surge o insucesso social, que leva o indivíduo à baixa autoestima.

Conhecer as dificuldades de aprendizagem que são tão complexas, assim como identificar sintomas que apontam os fatores desses problemas, pode fazer a diferença no âmbito escolar para que o educador possa conduzir suas intervenções de suporte de forma mais objetiva e significativa para cada criança.

Para atender às exigências do mundo contemporâneo, a escola precisa cumprir sua função social, facilitando o desenvolvimento das competências e habilidades nos educandos.

Para Zabala e Arnau:

O uso do termo competência é uma consequência da necessidade de superar um ensino que, na maioria dos casos, reduziu-se a uma aprendizagem cujo método consiste em memorização, isto é, decorar conhecimentos, fato que acarreta na dificuldade para que os conhecimentos possam ser aplicados na vida real. (ZABALA, Antoni e ARNAU, Laia, 2010, p. 7).

Entretanto, diante da necessidade de aprender, muitos alunos enfrentam sentimentos que os impedem de ir além. Surgem temores fortes de incapacidade, reforçados pelo *déficit* de atenção, considerado um transtorno de aprendizagem, e pouco estímulo da família, bem como pela falta de limites dentre outros possíveis transtornos.

Gómez e Terán (2009, p. 193) alertam que “as crianças aprendem a esconder suas dificuldades com condutas como ser o palhaço da classe, manter-se calada, adoecer, fugir das responsabilidades, demonstrar desinteresse ou muitas vezes com mau comportamento.”

Essas posturas de isolamento diante da sociedade demonstram, na verdade, um sentimento de incapacidade da criança, gerado também pela falta de atenção, compreensão, amor, carinho e afeto por parte da família.

Sabemos que, conscientemente, nenhuma pessoa sofre porque quer. Qualquer problema de aprendizagem, principalmente no período de alfabetização, traz sofrimentos que são muitas vezes camuflados pela criança. Sendo assim,

descobrir e procurar compreender os fatores que geram essas dificuldades é um passo importantíssimo a fim de que os educadores busquem alternativas para ajudar os educandos a superar os obstáculos no processo de aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem são sintomas que decorrem de obstáculos que aparecem no mesmo momento histórico em que está ocorrendo a aprendizagem que, por sua vez, resultam de toda história vivida pelo aprendiz, nas suas dimensões afetivas, cognitivas, sociais, orgânicas e funcionais. (VISCA, 1987, *apud* BARBOSA, 2007, p. 53).

Sendo assim, entende-se que a dificuldade que a criança tem para aprender pode estar ligada a um caráter cultural, cognitivo, afetivo ou funcional e, por não saber como lidar com isso, não consegue superá-la.

3 FATORES QUE GERAM AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Quanto aos fatores que interferem no processo de aprendizagem, podemos relacioná-los entre internos e externos. O primeiro se refere ao “com o que se aprende” e o segundo ao “como se aprende” e ao “ambiente de aprendizagem”. Dentro desses fatores, podemos relacionar os seguintes aspectos:

3.1 FATORES ORGÂNICOS

Referem-se ao Sistema Nervoso Central (SNC) e aos seus processos que asseguram a coordenação do mesmo. Dentre esses fatores geradores das dificuldades de aprendizagem estão os aspectos neurológicos (órgãos que estão envolvidos na recepção dos estímulos do meio), os quais dispõem das condições para a aprendizagem.

3.2 FATORES ESPECÍFICOS

Estão relacionados a transtornos que interferem na aprendizagem da linguagem, na articulação, na leitura e escrita.

Segundo Gómez e Terán (2009), apesar dos fatores específicos parecerem possuir origem orgânica, não existe nenhuma possibilidade de comprovação. Os fatores específicos aparecem em pequenas falhas na aprendizagem da criança, como por exemplo, a dificuldade para construir imagens claras de fonemas, sílabas e até palavras.

3.2 FATORES EMOCIONAIS

Estão relacionados à questão afetiva que interfere negativamente no processo de aprendizagem da criança.

Também conforme Gómez e Terán (2009, p. 101), “a família é a sala de aula primordial na educação da criança.” Esta metáfora enfatiza os aspectos da interação familiar que podem contribuir para o desenvolvimento ou superação das dificuldades da criança na escola.

3.4 FATORES AMBIENTAIS

Diz respeito ao meio no qual a criança está inserida, bem como às ferramentas que o educador utiliza para a construção do conhecimento. As pessoas que convivem com a criança, sejam os pais, tios, irmãos, avós, professores e colegas, devem propiciar espaços adequados para a aprendizagem, servindo de facilitadores para que a criança tenha as condições necessárias para a construção do seu conhecimento.

Segundo Vygotsky (1984), o aprendizado é decorrente da compreensão do homem enquanto agente na sociedade. A cultura em que está inserido o indivíduo determina o modo de pensar e, desta forma, molda seu psicológico. Sendo assim, o aprendizado acontece por meio de uma relação dialética entre o sujeito e a sociedade, em que a interação, a chamada experiência pessoal do sujeito com o ambiente, proporcionará esse saber.

4 A FAMÍLIA NA HISTÓRIA

Na Idade Média não existiam os termos criança e adolescente. No período da infância, a criança era considerada um “adulto jovem”, ignorando-se as diferentes etapas do desenvolvimento infantil.

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tronaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje. (ARIÈS, 1981, p. 10).

Nesse período a educação da criança não era responsabilidade da família. Desde muito cedo as crianças se envolviam com as ações dos adultos, passando a ajudar nos afazeres dos pais. Os meninos ajudavam na conservação dos bens e negócios da família, enquanto as meninas se incumbiam das tarefas do lar.

As crianças adquiriam os conhecimentos e os valores para sua formação na sociedade por meio das imitações dos adultos. A família se ausentava da tarefa de educar e, ao mesmo tempo, não desempenhava nenhuma função afetiva em relação aos filhos, embora o amor estivesse presente.

As trocas afetivas e as comunicações sociais eram realizadas, portanto, fora da família, num “meio” muito denso e quente, composto de vizinhos, amigos, amos e criados, crianças e velhos, mulheres e homens, em que a inclinação se podia manifestar mais livremente. (Ariès, 1981, p.11).

Atualmente é comum as famílias assumirem ou renunciarem a papéis de proteção e socialização de seus membros, baseadas nas necessidades a que estão sujeitas na sociedade. Desta forma, podemos dizer que as funções da família norteiam-se por dois objetivos, sendo um de nível interno, como a proteção e o cuidado com as necessidades vitais de seus membros, e o outro de nível externo, como a acomodação a uma cultura e sua transmissão.

A família assume um papel indispensável em relação à formação do caráter da criança, pois é através dela que se dá sua inserção na sociedade, bem como é responsável por modelar e programar o comportamento e a identidade do indivíduo.

Desse modo, Gómez e Terán (2009) mencionam que a presença de um grupo familiar estável, consistente e com limites claros, não necessariamente em que os pais vivam juntos, é de extrema importância para o processo de aprendizagem das crianças.

Ao longo da história, a família passou por inúmeras mudanças, adotando a capacidade de adaptar sua estrutura, reformulando sua composição sempre que necessário.

Segundo Chalita (2001, p. 27) “a alfabetização tem de ser acompanhada pela família. Os primeiros escritos, o incentivo à leitura, os brinquedos pedagógicos.” Tudo isso precisa ter significado para a criança. Assim, o papel dos pais é de estimular e propiciar momentos de cumplicidade, de amor e carinho para a formação da criança.

É preciso que a família acompanhe de perto a vida escolar do filho. Os pais não podem pensar que os problemas relacionados à violência, drogas e tudo mais, sejam algo que aconteça exclusivamente com os filhos dos outros. Crianças que se envolvem com esses tipos de problemas podem ser frutos de pais apáticos em relação à educação dos filhos.

Atualmente vivemos num mundo capitalista, no qual as famílias dedicam-se quase exclusivamente às questões materiais como garantir aos filhos uma boa escola e condições modernas nas moradias, oferecendo-lhes mais conforto e dinheiro. O conforto acaba sendo mais importante do que a presença dos pais na educação dos filhos.

Pais que reclamam da rebeldia e indisciplina dos filhos, apesar de afirmarem que lhes deram tudo – boas roupas, acessórios, boa escola, festas, etc. -, na verdade não deram nada, esqueceram-se de dar atenção, amor, afeto.

No entanto, devido às exigências atuais, os pais têm colocado seus filhos cada vez mais cedo em creches ou com babás. Frequentemente chegam ao final do dia exaustos pelo trabalho e a criança não é ouvida como deveria. Assim, a relação familiar centra-se prioritariamente nas necessidades físicas da criança, como alimentação e higiene, e a questão do desenvolvimento emocional acaba sendo ignorada pela família.

Zagury (2005, p. 19) destaca que “há de fato uma necessidade de compensar a criança afetivamente pela longa ausência. O amor e a atenção demonstrados nestes momentos são de suma importância para o equilíbrio emocional, principalmente das crianças mais novinhas.”

Entendemos, segundo a autora, a necessidade de disponibilizar um tempo de qualidade para a criança, em que ela receba a atenção e carinho da família a qual muitas vezes fica ausente por longo período.

No decorrer dos anos observa-se que educar deixou de ser responsabilidade só desta instituição que se esqueceu de que o afeto familiar faz grande diferença no processo de aprendizagem, principalmente no período de alfabetização, no qual a criança necessita das interações e de modelos de leitura e escrita no seu cotidiano.

Então à escola coube, por entender que o afeto é fundamental para a aprendizagem do aluno, a incumbência de suprir a falta deste fator por meio de

novas estratégias de ensino focadas ao resgate do educando através do carinho e do afeto.

A Lei nº 9.394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (L.D.B.E.N) regulamenta em seu artigo 2º, o qual trata dos princípios e fins da educação nacional, que a educação é dever da família e do estado.

A L.D.B.E.N já deixa claro que a educação é dever da família, cabendo ao Estado, representado pela escola, complementá-la. Sendo assim previsto, é dever da família formar seus filhos para a vida, levando-os a construir suas primeiras responsabilidades perante a sociedade.

Segundo Chalita (2001, p. 20), “a família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. Os filhos se espelhando nos pais e os pais desenvolvendo a cumplicidade com os filhos.” Desta forma, a família não pode negligenciar seu papel na educação dos filhos, passando suas atribuições e responsabilidades para a escola.

5 O AFETO NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

A afetividade, apesar de ser um aspecto interno, está ligada diretamente ao fator externo. Atualmente as famílias, focadas em atender as necessidades consideradas vitais das crianças, por vezes se esquecem de que a atenção aos seus filhos não pode ficar de lado. Portanto, precisamos dar mais valor à qualidade do que à quantidade de tempo que disponibilizamos às crianças.

Os pais têm de fato a necessidade de compensar afetivamente os filhos devido a sua ausência na família. Nesse momento, o amor e a atenção são de suma importância para que o filho compreenda e adquira um equilíbrio emocional saudável. Porém, muitas vezes os pais têm dificuldade em disponibilizar esse tempo, demonstrando certa impaciência para ouvir ou brincar com as crianças.

Essa atitude pode confundir os sentimentos da criança levando-a a acreditar que os pais não têm prazer em estar em sua presença. Tal sentimento pode ser superado quando simplesmente a criança é convidada a brincar próxima aos pais ou se propicie a oportunidade dela relatar como foi seu dia na escola ou no lugar onde passou quando afastada do núcleo familiar.

Em seus escritos Zagury (2005, p. 21), assegura que “... isso mostrará à criança que a companhia dela é desejada, ‘curtida’, prazerosa. Muito mais produtivo afetivamente do que brincar de casinha tentando disfarçar sua impaciência”.

Não se pode esquecer a importância do professor em compreender as diferentes situações instáveis que geram grande variação no estado emocional das crianças. É preciso detectar qualquer variação brusca no comportamento de uma criança informando-se com os pais sobre o que se passa no ambiente familiar. Isso certamente aumentará as possibilidades de reverter situações que desencadeiem determinadas dificuldades associadas à falta de afeto no âmbito familiar. No entanto, é necessário um bom relacionamento entre a escola e a família do educando, só assim, haverá possibilidades de reverter situações que iniciam as dificuldades de aprendizagem.

De certa forma, o desenvolvimento dessas crianças pode acontecer mais lentamente em relação às demais, porém somente durante certo período. Neste caso, se o educador permanecer atento às manifestações que geram tais

dificuldades, isso não chegará a prejudicar a criança seriamente.

O educador precisa conhecer a criança em suas particularidades, do ponto de vista cognitivo, emocional e psicológico. Algo nada fácil! Porém somente a partir de observações mais aprofundadas acerca do aluno, a partir de seu comportamento, do seu desenvolvimento e das dificuldades apresentadas é que o educador poderá ajudá-lo a superar as dificuldades e transpor seus limites em um processo legítimo de educação.

Não se defende a utopia de que um dia a escola possa substituir o papel de um lar; mas é imperioso reconhecer que a radical mudança da estrutura familiar, implica em inevitáveis mudanças nos conteúdos e nas estratégias desenvolvidas em nossa escola. O professor não pode e não pretende substituir os pais, mas precisa descobrir-se responsável por novas funções, ajustando-se a uma nova realidade. (ANTUNES, 1997, p. 28).

Enquanto educadores, precisamos compreender que o mundo mudou e, desta forma, se faz necessário rever nossas concepções e adequar simultaneamente os conteúdos escolares às necessidades e interesses de nossos alunos, buscando, inclusive, estreitar vínculos com a família para alterar significativamente o processo de ensino e aprendizagem.

É imprescindível que o educador saiba transmitir o afeto na educação, seja através da cumplicidade ou na participação das conquistas do educando, auxiliando-o, com segurança, na realização de seus projetos.

Destacamos então, a formação continuada do educador por meio de atualizações e aperfeiçoamentos como um fator fundamental para a aquisição da habilidade de educar com afeto. Só assim é que a família e a escola poderão praticar a parceria perfeita para que as crianças superem as dificuldades de aprendizagem.

Chalita (2001, p. 17) afirma que, “nunca a escola vai suprir a carência deixada por uma família ausente.” Assim a escola pode até ter uma Proposta Pedagógica dinâmica e seus professores estarem preparados e comprometidos, no entanto, só será válido se a afetividade estiver constantemente presente no ambiente escolar e principalmente no lar das crianças.

A fim de direcionar a pesquisa realizada, o trabalho foi norteador pelos objetivos de conhecer os alunos que se encontraram com dificuldades de aprendizagem no período de alfabetização, investigar o contexto familiar e sensibilizar as famílias sobre a importância de seu papel no processo de ensino e aprendizagem da criança. Diante disso, analisou-se a influência da família no processo de alfabetização das crianças de oito e dez anos de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Otávio Reis, na qual a pesquisa foi realizada situa-se no município de Charqueadas, em um bairro de zona periférica da cidade e sua clientela é formada por crianças de classe baixa que moram nas proximidades da escola.

Os dados coletados foram predominantemente descritivos e oriundos de entrevistas, depoimentos e observações dos alunos e familiares dessa turma do Ensino Fundamental.

Na maioria dos casos analisados, a família era constituída pela mãe, um companheiro e em torno de 3 a 5 filhos. Com relação ao trabalho, nem todas as mães trabalham, mas alegam ocupar seu tempo com as atividades da casa, o

cuidado com os filhos menores e, algumas vezes, realizam faxinas particulares nos bairros próximos.

Verificamos que a maioria das entrevistadas não concluiu o Ensino Fundamental e as que ingressaram no Ensino Médio também evadiram alegando ter como prioridade, na época, trabalhar e/ou criar os filhos.

A maioria das mães disse não ler jornais ou revistas, informando-se somente pela televisão e rádio.

As entrevistadas disseram que não têm o hábito de ler histórias aos filhos, pois, segundo elas, “não sobra tempo” ou por considerarem que os filhos já estão “grandes” para isso.

É possível perceber, através dos relatos dessas mães, que a maioria delas não demonstra o verdadeiro valor que deveria ser dado ao processo de escolarização e alfabetização de seus filhos, registrando-se também que a maioria teve fracassos em sua vida escolar, não conseguindo progredir em seus estudos.

Os hábitos e costumes da criança são influenciados pelo meio em que vivem; não que seja uma regra, mas o hábito da leitura e escrita no contexto familiar possibilitará maior estímulo para que a criança compreenda o valor desse ato no seu dia-a-dia.

Quando questionamos as mães, R e A, a respeito das dificuldades dos filhos na aprendizagem, de imediato, alegaram que o problema surgiu desde que eles, ingressaram na escola e que apesar do trabalho dos profissionais do Núcleo de Apoio Pedagógico da escola (NAP), seus filhos têm demonstrado pouco avanço.

Ao apontarmos o fato dos alunos não estarem frequentando assiduamente esse atendimento, inclusive com a psicóloga, as mães ressaltaram que “não têm tempo” para cuidar dos horários extraclasse ou que, na maioria das vezes, os filhos se envolvem com as brincadeiras ou com a televisão e se negam a ir à escola, inclusive no horário regular de aula, o que justifica o grande número de faltas.

Elas reforçam que os filhos são desinteressados, não cuidam dos materiais escolares e que a falta de limites agrava as dificuldades de lidar com eles. Relataram que as crianças brigam muito com os irmãos e imitam filmes que assistem na televisão, a maioria de ação policial, reforçando alguma forma de violência.

A criança que tem dificuldades para reconhecer e obedecer a autoridades, regras e limites, têm menores possibilidades de ter seu comportamento corrigido. Se a criança não respeita e nem acata as ordens dos próprios pais, ela ficará sem referencial para desenvolver corretamente sua personalidade, gerando complicações nas decisões que a vida lhe apresentar.

Mas percebo que as crianças têm dificuldades de estabelecer limites claros entre a família e a escola, principalmente quando os próprios pais delegam à escola a educação dos filhos. Esses pais cobram da escola o mau comportamento em casa: “O que vocês estão fazendo com meu filho que me responde mal?” Ou: “A escola não ensinou a respeitar seus pais?” Até parece que quem educa é a escola e cabe ao pai e a mãe uma posição recreativa. Essa ideia não pode prevalecer.”(TIBA, 2002, p. 180).

Sendo assim, devemos considerar o limite também como elemento de referência para as bases de conhecimento e formação de caráter da criança na família e mais uma vez vemos a necessidade desta instituição assumir realmente seu papel de educar.

Um número significativo de mães disse não ter o hábito de participar das atividades escolares dos filhos, indicando novamente o desinteresse pela educação das crianças. Para a maioria delas, a escola é boa, pois “cuida” bem de seus filhos e os ensina.

Elas também relatam gostar da escola porque sentem que seus filhos são bem acolhidos e encontram neste local o auxílio para as dificuldades dos mesmos. Este comportamento “confiável”, porém comodista e desinteressado, aumenta a responsabilidade da escola, que então, caminha sozinha durante o processo formal de aprendizagem dos alunos. “Para a escola, os alunos são apenas transeuntes psicopedagógicos. Passam por um período pedagógico e, com certeza, um dia vão embora. Mas família não se escolhe e não há como mudar de sangue. As escolas mudam, mas os pais são eternos”. (TIBA 2002, p. 181).

Novamente entende-se que a família é o principal elemento envolvido na aprendizagem inicial da criança e, como tal, não pode negligenciar sua função como primeiro agente educador.

Quanto às crianças entrevistadas, a maioria disse gostar de ir à escola, apesar de terem dificuldades para acordar pela manhã. Muitas vezes a mãe também não consegue acordar no horário e fazer com que o filho vá à escola, visto que elas costumam assistir televisão até tarde da noite, o que agrava o fato da infrequência nas aulas matinais.

Tais detalhes retratam ainda mais o desinteresse da família em relação à educação dos filhos. Primeiro no que se refere ao fato de não vigiarem os programas assistidos pelas crianças e segundo por não imporem limites aos horários para os mesmos. Sendo assim:

A desobediência e os transtornos de comportamento a que está associada são, sem dúvida, um problema muito comum na infância e podem ser perturbadores se não se lida com eles de forma adequada, já que supõem um desafio à autoridade dos pais e provocam, em muitos casos, um clima de coerção e de conflito no relacionamento de pais e filhos. (LARROY e PUENTE, 2000, p. 10).

Todas as crianças entrevistadas disseram que os pais não têm o hábito de olhar seus cadernos e que quando querem mostrar algo relativo à escola aos mesmos, estes alegam não ter tempo e que as mães estão sempre ocupadas com os afazeres da casa e com os irmãos menores.

Na verdade, este deveria ser um momento dos pais exaltarem a importância e os benefícios do conhecimento para a criança, dando-lhes mais segurança e autoconfiança. Fazendo o oposto, ou seja, não dando o real interesse às descobertas e às tarefas escolares das crianças, os pais geram uma decepção nos filhos e conseqüentemente, desinteresse e possíveis transtornos.

Um caso em especial chamou nossa atenção. Uma das crianças disse que, apesar de gostar de ir para a escola, “não quer aprender” e não gosta de fazer a lição nas aulas.

Observando o caso, em aula, esse aluno, além das dificuldades de

aprendizagem, tem grande dificuldade de relacionamento com o grupo, principalmente no que se refere a seguir as regras de convivência.

Perguntamo-nos então: como ensinar alguém que não quer aprender, apesar dos estímulos em sala de aula? De acordo com Lima (1984) “dever-se-ia eliminar do vocabulário pedagógico a expressão ‘estímulo’, pois tudo começa no organismo”.

Uma criança que não deseja aprender a ler e escrever pode, na verdade, estar ofuscando o desejo de perder o lugar de bebê na família. Então poderá investir pouco no trabalho cognitivo necessário a sua aprendizagem.

Desta forma, observa-se a necessidade de perceber os interesses das crianças, suas potencialidades e a capacidade de assimilar novas situações, caso contrário o trabalho do professor diante do aluno pode ser algo desinteressante e, desta forma, inapropriado para a aprendizagem.

Quando se propõe nova situação ao educando, seu organismo (mente) já está funcionando (repetição) com determinada estrutura. O problema, pois, é fazê-lo ‘receber’ a nova situação (encontrar o esquema de assimilação) e provocar o desequilíbrio que leva ao esforço de reequilibração (acomodação). (PIAGET, *apud* LIMA, 1984, p. 37-38).

Isso nos faz pensar novamente na importância do papel da família, pois se a criança não vê no exemplo dos pais o significado para as novas aprendizagens, então por que e para que aprender?

Não queremos com este trabalho fazer da família o único elemento responsável pelo fracasso na aprendizagem das crianças, mas ressaltar que é dela que devem partir os exemplos e os estímulos para que a criança conceba a educação como algo necessário e prazeroso para sua vida.

Então, se hoje a família transfere volumosa parte do que seria sua responsabilidade à cerca da educação informal à escola, cabe aos educadores “envolver” e conquistar as famílias, visando sua participação mais efetiva no processo educacional, contribuindo verdadeiramente para a aprendizagem da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção com este trabalho foi de contribuir com a discussão sobre as dificuldades de aprendizagem no período de alfabetização, algo ainda tão presente em nosso cotidiano escolar.

Através das informações e fundamentações contidas nesse trabalho, apontamos alguns fatores que geram as dificuldades de aprendizagem no período de alfabetização das crianças, analisando especificamente o fator emocional, vinculado à influência da família nesse processo.

A família é apontada como primeiro e principal grupo social com o qual a criança estabelece suas relações com o outro e, sendo assim, comprova-se a importância dos sentimentos de afeto no âmbito familiar para que a criança adquira autoestima e dê valor para a aprendizagem.

Através da pesquisa com as famílias foi possível perceber que estas, de certa forma acomodadas, têm transferido a função de educar exclusivamente para a escola, ausentando-se inclusive do seu papel na educação informal dos filhos.

Sabemos que o tema escolhido para estudo é amplo e, com certeza, poderíamos abordar inúmeras situações, bem como aprofundarmos estudos acerca dos demais fatores que influenciam no processo de alfabetização das crianças. Entretanto, conscientes de que este trabalho é insuficiente na abordagem desta temática, pois muito ainda teríamos a discutir, resta-nos sensibilizar as famílias a respeito de sua importância no processo de ensino e aprendizagem das crianças. Desta forma lembramos que, segundo Tiba (2002), as famílias não devem se esquecer de que na escola, as crianças são transeuntes, enquanto que nas famílias elas são eternas.

Aos educadores cabe repensar suas atitudes frente a determinados comportamentos de algumas crianças no cotidiano escolar, considerando que estes poderão estar ligados à falta de afetividade no âmbito familiar e, sendo assim, os educadores deverão buscar novas estratégias de ensino vinculadas também ao educar com afeto.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional**. 3.ed. São Paulo: Terra, 1997.
- ARIÈS, Philippe. **História social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicologia: um diálogo entre a Psicopedagogia e a Educação**. 4^a.ed. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2007.
- CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.
- GÓMEZ, Ana Maria Salgado, TERÁN, Nora Espinosa. **Dificuldades de Aprendizagem: Detecção e Estratégias de Ajuda**. São Paulo: Grupo Cultural, 2009.
- LARROY, Cristina, PUENTE, Maria Luisa de La. **A Criança Desobediente: Estratégias de Controle do Comportamento**. São Paulo: Scipione, 2000.
- LDBEN - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- LIMA, Laura de Oliveira. **A Construção do Homem Segundo Piaget: uma teoria da educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- TIBA, Içami. **Quem Ama, Educa!** São Paulo: Gente, 2002.
- VISCA, J. L. **Clínica Psicopedagógica: A Epistemologia Convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- ZABALA, Antoni. ARNAU, Laia. **Como Aprender e Ensinar Competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- ZAGURY, Tânia. **Educar sem Culpa: a gênese da ética**. 21.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.